

Jovens indígenas Tabajara: âncoras no processo de reivindicações na busca do bem viver no século XXI

RESUMO

A academia vem demonstrando um crescente interesse sobre a temática indígena no século XXI, mas continua bastante invisível e pouco divulgada a participação/mobilização do protagonismo dos jovens indígenas na atualidade. A realidade dos povos indígenas atual é muito conflituosa: de um lado, interesses econômicos e mercadológicos; do outro, a luta por sobrevivência física, espiritual e por sua cultura milenar. O estudo tem como objetivo investigar como os jovens Tabajara são âncoras atuantes nas atividades das aldeias, nas lutas por reivindicações políticas, nos processos de retomadas, nas reelaborações e propagação da cultura, enfim no processo de etnogênese contemporâneo na busca do Bem Viver. A pesquisa está aportada em autores como Barcellos e Farias (2015), Chamorro (2016), Boff (2016), dentre outros. A metodologia de cunho qualitativo utiliza entrevistas semiestruturadas. Os resultados revelam a força da juventude Tabajara com ações para apoiar as demandas contemporâneas, mas com visões profundas na preservação do ser e do viver ancestral indígena.

PALAVRAS-CHAVE: Jovens Tabajara. Movimento indígena. Bem Viver.

Eliane Silva de Farias

eliasfarias@gmail.com

Fundação Universitária Iboamericana -
FUNIBER, Florianópolis, Santa Catarina,
Brasil.

Lusival Antonio Barcellos

lusivalb@gmail.com

Universidade Federal da Paraíba -
UFPB, João Pessoa, Paraíba, Brasil.

INTRODUÇÃO

O panorama da sociedade hodierna é pleno na diversidade. De tal beleza e grandeza que a sensibilidade humana se perde ao querer contemplá-la. No entanto, este cenário tem gerado desigualdade, injustiça, opressão e sofrimento para várias etnias e grupos humanos, suscitado assim, processos de reivindicações e de lutas pela transformação destas vivências. Para Boff (2004, p. 15),

O modelo de sociedade e o sentido de vida que os seres humanos projetam para si, pelo menos nos últimos 400 anos, estão em crise. [...] o importante é acumular grande número dos meios de vida, de riqueza material, de bens e serviços a fim de poder a fim de desfrutar a uma curta passagem por este planeta.

Para realizar este propósito, ameaçam a natureza e a maioria desprotegida que são os pobres. No Brasil, não é diferente, principalmente para os negros e os povos indígenas, que são minorias e enfrentam este drama à séculos. Os povos originários, cognominados de indígenas, embora completamente diferentes entre si, eram divididos em centenas de grupos, com diferentes características culturais, línguas e tradições próprias, normas e costumes que eram e ainda são transmitidas oralmente, de geração em geração.

A conquista do continente americano causou um verdadeiro genocídio: povos inteiros dissiparam-se, restando, contemporaneamente, cerca de um milhão de ameríndios. A grande maioria deles, no atual contexto, não tem mais chão para viver, morar, plantar e praticar seus rituais sagrados, embora sejam milenarmente legatários deste território. (OLIVEIRA, 2004). As crueldades e atrocidades praticadas contra essa gente deixaram lacunas de dor e lembranças de sangrentas guerras, verdadeiras barbáries, praticadas por latifundiários, empresários de mineradoras, donos de megaprojetos imobiliários e de agronegócio, dentre outros.

No Brasil, e mais especificamente na Paraíba, conviviam no século XVI, segundo Barcellos e Farias (2014) dezoito povos. De quantitativo de mais de 100 mil indígenas, hoje restam apenas duas etnias: no litoral Norte, os Potiguara com uma população de aproximadamente 20 mil pessoas; no litoral Sul, os Tabajara com mil habitantes (BARCELLOS; FARIAS, 2014). Ambos foram expropriados de seu território, da língua materna, dos seus rituais e, sobretudo, do contato com a natureza sagrada.

O século XIX foi marcado por políticas governamentais que prejudicavam os interesses desses indígenas, a exemplo da Lei de Terra. (BARCELLOS, 2012). Após a passagem do Imperador Dom Pedro II pela Paraíba, em 1859, essas duas etnias tiveram seu território dividido em lotes. (BARCELLOS; FARIAS, 2015). Em 1910, foi criado o Serviço de Proteção ao Índio (SPI), para proteger e dar todo amparo necessário aos povos indígenas. (GRÜNEWALD, 2005). A área territorial Tabajara também passa a ser disputada por latifundiários da monocultura de cana-de-açúcar e por fazendeiros que se apoderam dessa preciosa terra. É nesse contexto que a família Lundgren, já instalada em Pernambuco, inicia um grande império na Paraíba, tendo a indústria têxtil como sua principal fonte de riqueza e desenvolvimento. (BARCELLOS, 2012).

Consequência desses agravantes em meados do século XIX, foi a expulsão dos indígenas seu habitat natural, dos seus locais sagrados, do contato com mãe natureza. E assim, por mais de cem anos ficaram silenciados e tidos com extintos para a sociedade nordestina e nacional. Em 2006, o povo Tabajara volta a ter a visibilidade e a ser reconhecido pelos órgãos governamentais e por toda a sociedade, tendo como agente orgânico desse processo o jovem Tabajara Ednaldo dos Santos Silva, hoje cacique geral. (BARCELLOS; FARIAS, 2014).

Evidentemente, que a experiência de vida dos indígenas atuais é bem diferente dos seus ancestrais. Muitos habitam nas periferias das grandes cidades, outros nas reservas já delimitadas pelo governo federal, mais existem centenas deles que esperam que a Fundação Nacional do Índio (FUNAI), inicie todas as etapas para o reconhecimento, a delimitação e homologação do seu território. (BARCELLOS; FARIAS, 2014).

Padecendo dos mais diversos tipos de repressão, supressão e preconceito que foram e que continuam sendo vítimas, os indígenas têm mostrado sua bravura e sabedoria ancestral para conviver na sociedade moderna, buscando reavivar e preservar a sua história, sem perder sua identidade étnica e sua tradição milenar.

Este estudo tem como objetivo investigar como os jovens indígenas Tabajara são âncoras atuantes nas atividades das aldeias, nas lutas por reivindicações políticas, nos processos de retomadas, nas reelaborações e propagação da cultura, enfim no processo de etnogênese contemporâneo do Bem Viver. Alguns são estudantes, outros agricultores, há também os universitários que buscam na academia subsídios para aprimorar seu sábio legado de séculos para atuarem como protagonistas em busca de uma melhor condição de vida, de um Bem Viver, nesse oceano de desigualdade étnico racial. A pesquisa realizada identifica que ações de cidadania podem ser exercidas nas várias atividades do cotidiano da juventude Tabajara através do cuidado que esses têm demonstrado na procura por uma educação diferenciada, pelo direito a saúde, na luta pela demarcação do seu território, na resignificação e preservação de suas tradições, na construção de uma natureza sustentável e uma vida digna como cidadão.

SOCIALIZANDO O PARADIGMA DO BEM VIVER

Diversos países latino-americanos, sobretudo o Equador e a Bolívia, vem integrando nas suas constituições, o conceito de Bem Viver que nas línguas dos povos nativos soa como SumaK Kawsay (quíchua), Suma Qamanã (aimará), Teko Porã (Guarani). O Bem Viver é um velho paradigma que nos apresenta a sabedoria, o bom senso e a identidade ancestral dos povos indígenas americanos. Conforme Rauber (2015),

A expressão Viver Bem, própria dos povos indígenas da Bolívia, significa, em primeiro lugar viver bem entre nós. Trata-se de uma convivência comunitária intercultural e sem assimetria de poder [...]. É um modo de viver sendo e sentindo-se parte da comunidade, com sua proteção e em harmonia com a natureza [...] diferenciando-se do 'viver melhor' ocidental, que é individualista e que se faz

geralmente e expensas dos outros e, além disso, em contraponto com a natureza.

A concepção de Bem Viver é indicada como uma opção para viver melhor na nossa sociedade. O Bem Viver está relacionado com a harmonia com a natureza, com a diversidade cultural, com todos os seres e as divindades espirituais. “A diversidade cultural é para o gênero humano, tão necessária como a diversidade biológica para a natureza.” (UNESCO, Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural, 2001). É um convite a apreender os mitos e ritos antepassados e a construir uma realidade onde estejam presentes o bem comum, o respeito mútuo, a fraternidade, a solidariedade, a igualdade etc.

Os povos indígenas estão intrinsecamente ligados aos elementos terra, fogo, água, ar e as suas tradições. No dia Internacional da Terra, a jovem Jaci Tabajara (2016) expressa seus sentimentos:

E hoje [...] É dia daquela que grita silenciosamente. Que nos dá tudo que precisar [...] Que tem sido saqueada, destruída, ofendida [...] Que tem visto muita desgraça [...] Mas tem presenciado muito amor também [...] Que tem sepultada em si muitos inocentes [...] E também tem que engolir covardes [...] Que tem uma capacidade linda e inspiradora de resistir [...] Que nos gerou, nos criou e nos sustenta; que seu criador o nosso Pai divino nos permita viver em comunhão querida Mãe: Terra! Salve nossa Natureza Sagrada!

Essa aproximação com a terra, associada à espiritualidade³, tem um significado muito mais transcendental do que material, pois vai além do sentido de posse, de mercado e de lucro, para o de pertencimento, de relacionamento e de profundo envolvimento espiritual. Conforme Boff (2001, p. 11), “Espiritualidade, é um tema recorrente em nossa cultura, não só no âmbito das religiões, [...], mas também no das buscas humanas, tanto de jovens quanto dos intelectuais, de famosos cientistas [...]”. A espiritualidade, também é colocada como tema de ponderação das mudanças sociais. Porém, nem tudo é tão natural na convivência na sociedade moderna. Estamos vivendo no mundo da imagem e das satisfações que utiliza a tecnologia para disseminar o consumismo.

Segundo Betto (2016, p. 19), “Para a cultura neoliberal, a pessoa não tem valor em si. Quem se importa com um mendigo estirado num canto da calçada [...] O capitalismo não quer formar cidadãos. Quer gerar consumistas. Por isso, renega os valores que norteiam nossas vidas, como a ética e solidariedade [...]”. Nesse contexto Juscelino Tabajara (jul. 2015) argumenta:

[...] que nossos jovens nunca sejam egoístas para com suas gerações e sempre ensinem o que os nossos mais velhos nos ensinaram. Para se começar ensinar, devemos falar sobre o criador e a natureza, pois eu sempre costumo dizer: antes de pensar em outras coisas, devemos primeiramente pensar num maior presente dado pelo

grande espírito para nós que é a natureza. Aprendi que ela é a base de toda a sobrevivência, que quando nosso Pai à criou, ele sabia que só precisaríamos dela para sobreviver. É uma pena saber que o homem virou escravo do consumismo, de um monstro chamado capitalismo que vem devastando tudo e acabando com nosso bem maior que é a natureza.

Contemporaneamente, vislumbram caminhos dos seres humanos em relação ao seu bem estar. “No reino do Butão se adota, em vez de PIB (Produto Interno Bruto) para se medir o desenvolvimento do país, o Índice Nacional de Felicidade Bruta, mensurado por indicadores de cultura, padrão de vida, equilíbrio ambiental e qualidade de governo.” (BETTO, 2016, p. 33). Com o insucesso dos projetos desenvolvimentistas e com a visibilidade alcançada pelos povos indígenas no cenário político, a expressão Bem Viver, começou a integrar a linguagem dos não indígenas, sobretudo aos que se opunham ao neoliberalismo. Percebem-se pessoas na busca de uma sociedade mais justa, fraternal, igualitária e feliz. Toda essa procura pode ser encontrada pelo poeta Horácio (65 a.C.- 8 a.C.) de aproveitar o momento presente dando sentido ao *carpe diem*, “[...] ‘colha o dia’. Isto é, não deixe de viver aquilo que o dia traz.” (CORTELA, 2015, p. 79).

Movidos pelas atuações dos movimentos sociais e das organizações internacionais comprometidos com os direitos humanos “Todas as pessoas nascem livres e iguais em dignidade e direitos, sem discriminação de qualquer espécie, seja de etnia, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento, ou qualquer outra condição.” (UNESCO; Declaração Universal dos Direitos Humanos, art. 1 e 2).

Nesse sentido, em países latino-americanos, os discursos de otimização em relação ao bem estar das sociedades ampliaram-se e também se referem ao desenvolvimento global, regional e local, a partir da diversidade das culturas ratificada nas suas constituições. (KRETMANN, 2007). No Equador, a lógica do Bem Viver foi incorporada em 2008. Na Bolívia, passou a compor-se como um direito e como um princípio ético moral na Constituição de 2009.

No Brasil, o conceito sobre o modo de vida dos povos indígenas - a relação com natureza, o cosmos, a mãe terra - foi totalmente desprezado pelo colonizador. No entanto, mesmo não valorizado a experiência deste modelo de Bem Viver indígena, nas últimas três décadas, algumas teologias e filosofias recomendam novas formas de convivências mais pacíficas, justas e sustentáveis. De acordo com Chamorro (2016),

No Brasil, em que apenas 0,4% da população são indígenas, não há exemplo tão consolidado da expressão Bem Viver na linguagem política, [...] Contudo, indigenistas, indígenas e líderes de movimentos sociais que acompanham agenda de entidades ecumênicas e internacionais apropriam-se cada vez mais do conceito para significá-lo e integrá-lo ao contexto brasileiro.

Todavia, atualmente o conceito de Bem Viver tem recebido atenção maior de líderes de movimentos sociais e culturais, pesquisadores, indígenas, indigenistas, instituições governamentais, grupos, pessoas e Organizações Não Governamentais (ONGs), que procuram e apoiam outros possíveis modelos de vivências para significá-lo e integrá-lo ao contexto brasileiro. O Estado e as instituições precisam refletir, planejar, sugerir e contribuir com um paradigma para sociedade que possibilite atender suas necessidades e também o desenvolvimento das aptidões e potencialidades.

OS JOVENS INDÍGENAS TABAJARA

Nas sociedades indígenas as tradições culturais diferenciam-se de um povo para outro. Se considerarmos o ponto de vista interno destas, em cada ambiente social observa-se a construção de categorias de idade que variam estrutural e culturalmente, apresentando uma diversidade relevante.

Cada cultura constitui-se num processo histórico concreto de cada grupo humano, em sua experiência de relaciona-se [...] constituindo nessa história seu modo peculiar de simbolizar, de perceber, de sentir, de estabelecer relações, de valorar e, em definitivo de pensar, que “sobre determinam” a experiência de suas novas gerações, pautando sua perspectiva peculiar (LANGON, 2003, p. 77).

Podemos destacar os processos de socialização e de educação como componente da formação nos grupos indígenas e suas respectivas responsabilidades relacionados a idade. (MALINOWSKI, 1975). A mudança de um indivíduo de uma situação social para outra - passagem da infância para vida adulta - através do ritual de iniciação constitui um marco entre os ritos de passagem. “O rito coloca a nossa frente um imenso e complexo universo em parte conhecido, em parte a ser desvelado.” (VILHENA, 2005, p.13). Na cultura indígena, cada idade tem seu valor e sabedoria. É tradição a valorização dos mais velhos, porque perpetram viva a memória do passado, com os mitos, ritos, valores, crenças, costumes, tradições vividas e que servem de referência no presente. (ELIADE, 2002). Nessa cultura, a juventude tem a sua sabedoria e pode contribuir de forma fundamental em determinados processos.

Neste estudo, focamos as atividades dos jovens indígenas Tabajara politicamente ativos como portadores de conteúdo político-ideológico que revelam os laços de identidade do povo ao qual pertencem motivando-os nas tomadas de decisão coletiva. O Cacique Ednaldo vem liderando o movimento Tabajara da Paraíba, num trabalho que se traduz num mister de ousadia, fé, disposição e numa rede de solidariedade para superar a desigualdade, devolver a dignidade e a unificação de seu povo abraçando a lógica do Bem Viver.

A história dos Tabajara tem origem similar a tantas outras de outros povos indígenas. Opressão, exclusão, dor, sofrimento e expropriação de seus territórios, são perpetuadas devido a sabedoria, a coragem, a ousadia e a determinação do jovem Ednaldo Santos da Silva. As memórias narradas no seio

familiar (HALBWACHS, 1990) versavam sobre suas origens, servindo de referência para aguçar seu interesse em arregimentar todas as pessoas do povo Tabajara que estavam dispersos desde o século XX. Na verdade, os dados pesquisados emanam das próprias narrativas de atores e de suas histórias de vida. O cacique Ednaldo (abr. 2009) fez o seguinte relato sobre o início do movimento:

Tudo começou através de Estevão Palitot. Estevão foi uma grande força junto a Articulação dos Povos e Organizações Indígenas do Nordeste, Minas Gerais e Espírito Santo (APOINME), ele sabia onde estava o movimento indígena. Sabia que o momento chave do movimento indígena ia ser na Baía da Traição, que estava lá a Comissão Nacional de Política Indigenista (CNPI). Lá ia encontrar-se o presidente da FUNAI, Márcio Meira. Fez uma articulação e com isso entregamos toda a documentação nas mãos do presidente da FUNAI. Ele falou para mim: 'Ednaldo, eu admiro a sua coragem por ser tão novo, mas com uma determinação enorme. Vou levar para mim como um compromisso a devolver tudo aquilo que lhe foi expropriado.' Para mim foi uma maneira que não tenho nem palavras, não sei nem como agradecer o que ele tava fazendo, acontecendo. Depois de lá viemos para a Aldeia de Bel, lá em Três Rios e lá fizeram um Torezão de retomada de quatro anos. Colocaram minha família mais velha dentro da roda de Toré e Bel apresentou à gente. 'Aqui é o povo Tabajara que está reivindicando suas terras e eles querem o apoio dos Potiguara para dar uma força.' E com isso o povo Potiguara deu essa força para gente. Fazer uma aliança no século XXI Potiguara e Tabajara. A gente era inimigo desde o século XVI e fazer uma aliança novamente numa roda Toré. O povo Potiguara e Tabajara se uniu para lutar pelo mesmo objetivo, isso foi um grande orgulho para mim. Foi passo muito importante.

Desde 2006 o jovem Ednaldo uniu-se aos anciãos, num movimento que se estruturou da seguinte forma: o primeiro ano foi denominado pelo cacique como "Ano de Alianças" - foi o momento de colher dados, as fontes os documentais, escutar e conhecer detalhadamente as narrações dos "troncos velhos". Conforme Arruti (1995, p. 77), "Os troncos velhos servem como reserva de memória, de cultura e de religiosidade - trazendo em si um passado real ou imaginado, que passa a fazer parte do presente, o informa, o justifica e o organiza - e não apenas como lembrança ou resgate." Neste sentido, instituem uma identidade própria e política baseada nas lembranças que os anciãos guardavam da memória dos seus ancestrais.

No ano seguinte, em 2007, entre muitas idas e vindas, encontros e desencontros, inegáveis histórias, conseguem fundamentos para firmar parcerias e alianças com os órgãos públicos e movimentos indigenistas como: a FUNAI, a APOINME, a CNPI, o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), o Conselho Indigenista Missionário (CIMI), a Promotoria Pública, a Universidade Federal da Paraíba (UFPB), dentre outros. Assim, iniciam um processo jurídico com a entrada dos documentos para comprovação e reivindicação de seus direitos como etnia indígena. Direito que é garantido na Constituição Federal de 1988 dos povos indígenas brasileiros terem "[...] sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens." (BRASIL, 1988, art. 231).

No ano de 2008, denominado pelo cacique Ednaldo como “Ano do Povo”, foi o momento de juntar todo o povo para contar a boa nova. Foi o início de sistematicamente ter reuniões mensais. Foi necessário reunir as famílias, dialogar, chamar atenção para o valor da causa, sensibilizá-los, instigá-los a enfrentar os traumas, preconceitos, medos, exclusões e violações de seus direitos como seres humanos.

A expulsão de suas terras, o Sítio dos Caboclos, antiga sesmaria da Jacoca e Aratagui, no final do século XIX, deixou-os dispersos no espaço e no tempo. As famílias foram forçadas a migrarem para as comunidades periféricas das cidades paraibanas do Conde, Pitimbu, Alhandra e João Pessoa. (BARCELLOS; FARIAS, 2014). Sofreram por não poder expressar e praticar sua cultura no meio dos não indígenas. Acostumados a terem uma vida sossegada foram obrigado a abandonar seus princípios naturais. Perderam grande parte do seu referencial tradicional indígena, sobretudo de suas crenças e da sua religiosidade. (BARCELLOS; FARIAS, 2015).

Nesse contexto de similaridade religiosa, diante de suas carências emocionais e sociais as igrejas pentecostais preencheram a religiosidade de suas vidas. (BARCELLOS; FARIAS; CÓZAR, 2015). Mas o sonho de voltarem ao seu antigo território continuava vivo em suas artérias. Almejavam profundamente transformar o modo de vida silenciado por décadas, na volta de ter contato com a mãe terra e com a natureza sagrada, e assim, assumirem-se como indígena, organizando suas vidas a partir de um modo próprio de viver, ser e de ver o mundo. Dentre os aspectos que compõem o sonho e as experiências de Bem Viver desse povo, destacamos o desejo de voltar a viver na terra tradicional.

Terceiro ano, em 2009, foi o tempo de revitalizar suas tradições, as crenças, os mitos, os ritos, a ciranda, o artesanato, a construção da oca e a consolidação do ritual sagrado do Toré. Ficou marcado como o “Ano da Cultura”, que culminou no primeiro e grande encontro “Terra Demarcada Direitos Garantidos”. Também, foi momento de exigir da FUNAI a formação de Grupo de Técnico (GT) para fazer um Relatório de Fundamentação Antropológica para Caracterizar a Ocupação Territorial dos Tabajara no Litoral Sul da Paraíba (MURA, 2010).

Em 2010, foi o momento de concretizar suas propostas como indígenas, um ano de muitas dificuldades para os que estiveram à frente do movimento, devido à falta de apoio social e financeiro para buscar os recursos necessários ao andamento do processo reivindicatório da etnia. Os Tabajara, por terem poucos recursos econômicos, necessitaram dos seus líderes muita ousadia e coragem para enfrentar essa causa nos vários níveis em diferentes instâncias e instituições. Um dos méritos, nesse ano, foi o envio da conclusão do Relatório de Fundamentação Antropológica Tabajara para a FUNAI, em Brasília.

Os quatro primeiros anos balizaram o processo histórico dos Tabajara na atualidade. A partir de 2011, as ações vão se consolidando e a juventude passa a ter um destaque crucial para a etnia realizando a mobilização para o primeiro Encontro da Juventude e para a criação da Organização da Juventude Indígena Tabajara (OJITA). Momento de escuta, de ensinamentos, de partilha, de muitas aprendizagens sobre o Bem Viver Tabajara. Em novembro desse mesmo ano, a construção de um polo cimenteiro no assentamento João Gomes, desapropriado pelo INCRA em 1976, na localidade chamada Mucatu, município de Alhandra-PB,

mobilizou os assentados e indígenas a posicionarem-se contrários a esse empreendimento.

É importante ressaltar que, dentre os assentamentos da Paraíba, Mucatu era um dos exemplos de prosperidade e do Bem Viver devido às parcerias firmadas, a “Viver é automático, mas sentir-se vivendo não o é [...] Esta ideia não é só de viver a vida, mas de senti-la, e ter a percepção dela como dádiva.” (CORTELLA, 2016, p. 95-96). Os empresários usaram de estratégias para convencer os agricultores a venderem suas terras com promessas de proporcionar desenvolvimento, criarem dezenas de novas vagas de empregos e de cumprirem com a legislação referente aos cuidados com o meio ambiente. O cacique Ednaldo (nov. 2011) faz outra leitura afirmando que “Enquanto a terra estiver nas mãos dos assentados cumprirá a sua função social.”

Diante dessas duas posições antagônicas percebemos claramente que os ensinamentos cultivados pelos lavradores e indígenas entram em contraposição com a lógica do sistema capitalista vigente. “Em muitos países, o capitalismo mercantiliza [...] a natureza, exaurindo seus recursos ou utilizando-os predatoriamente [...] Os resultados são os desequilíbrios ambientais e o aquecimento global.” (BETTO, 2016, p. 17). A lógica de preservar a mãe terra e de Bem Viver são opções diferenciadas que demandam determinação e vontade para seguir em frente.

Em meio a esses acontecimentos, os Tabajara se organizam e se mobilizam para reocupar as glebas (áreas) de terras vendidas aos industriais de cimento, reivindicando como local referenciado e dispostos resistir às ações de reintegração de posse. Durante duas semanas houve muita expectativa e tensão: De um lado os indígenas convictos e com documentos históricos que se tratava de uma terra tradicional indígena; e do outro, os empresários com as escrituras dos terrenos compradas dos assentados.

Diante desse impasse os empresários utilizaram não só da legalidade jurídica, mas do apoio de grupos econômicos e políticos da região para montarem uma verdadeira operação de guerra envolvendo integrantes da polícia militar, da tropa de choque e do corpo de bombeiros para retirar os indígenas que resistiam em permanecer na sua terra tradicional. Foram noventa dias muito difíceis devido à insegurança e a expectativa de uma ação astuciosa dos empresários.

No início de 2012, essa tensão continuou acirrada e os indígenas buscam estratégias para alcançar o principal objetivo que é a conquista da terra. Os jovens Tabajara têm um protagonismo fundamental nesse momento ímpar de lutar pelo ideal de todo povo. Os empresários, para enfraquecer a luta dos indígenas, fizeram um acordo beneficiando os agricultores vizinhos da área adquirida para a construção da fábrica. Em função desse contexto, o cacique Ednaldo foi procurado pelos industriais que lhe fizeram uma proposta oferecendo-lhes uma área de seis hectares e um automóvel tipo camionete para desocuparem a área. “O lugar para comprar a gleba foi estratégico – está vizinho ao Sítio dos Caboclos.” (EDNALDO DOS SANTOS, mar. 2013). Esse local foi o último território dos Tabajara na década 40, do século XX, que foi usurpado pela família dos Lundgren. (BARCELLOS; FARIAS, 2015). Embora tivessem lideranças contrárias a essa proposta, o jovem cacique aceitou a proposta e assim surgiu a Aldeia Vitória.

A nova Aldeia tinha uma estrutura física com duas casas, caixa d'água, poço artesiano, piscina, garagem etc. podendo acomodar 20 pessoas, além de uma área agricultável de terra fértil, toda plana. Uma das primeiras ações dos jovens na aldeia foi de unirem-se num grande mutirão para edificar a oca, lugar sagrado para celebração, reuniões e rituais. A partir daí, vieram outros mutirões.

A Aldeia Vitória passou a ser o núcleo de encontro dos indígenas. Ainda hoje a grande maioria dos Tabajara moram nas periferias das cidades vizinhas e com a criação da nova aldeia, muitas famílias iniciam o movimento de retornar à terra tradicional fortalecendo assim a sociabilidade e os laços de parentescos entre eles. Hoje a Aldeia já conta com 10 casas de alvenaria e a cada dia essa procura aumenta mais.

Os indígenas acompanham o uso das tecnologias, mas predominam muitas atividades típicas do meio rural, como a agricultura de subsistência, a criação de animais domésticos, o hábito de cozinhar em fogão a lenha, a realização da pesca artesanal nos rios, lagos, baía e no mar, a cata de mariscos, a coleta dos frutos nas safras de cada estação etc.

O cacique Ednaldo junto ao seu povo tem lutado na defesa da natureza e do meio ambiente. São muitos desafios a serem vencidos e o da água potável é um deles. A área tradicional Tabajara tem um grande manancial de água de boa qualidade para o consumo humano. Os Tabajara estão envolvidos no desafio da preservação do rio Gramame, um dos principais da bacia hidrográfica do litoral paraibano, que abastece 70% da grande João Pessoa, atendendo a 800 mil habitantes.

Em novembro de 2015, na III campanha denominada “O Rio Gramame quer viver em águas limpas”, os Tabajara participaram da mobilização pela preservação daquela riqueza natural, cedendo seu espaço para realização do evento, a aldeia Barra de Gramame. A programação incluiu o ritual sagrado do Toré, que é tradição Tabajara, além de depoimentos dos indígenas falando sobre as mudanças, as memórias, a relação que tem com o rio ao longo dos últimos anos. O cacique Ednaldo lembrou que, quando o rio era limpo, os índios sobreviviam da pesca. “Muitas tradições indígenas dizem que o ser humano foi feito de água e saiu da água para a terra, a fim de cumprir uma missão: a de zelar pela natureza.” (BARROS, 2004, p. 96).

A juventude Tabajara vive ativamente participando em eventos e contribuindo com seus conhecimentos para ajudar a sociedade a se tornar sustentável e mais humana. Exemplo recente desse envolvimento foi a participação de Jaci Tabajara e Paulo Junior Maciel no Encontro de Jovens Rurais do Semiárido que ocorreu em janeiro de 2016, no Instituto Nacional do Semiárido (INSA), em Campina Grande-PB. O evento proporcionou a mais de 300 jovens várias experiências sobre sustentabilidade e políticas públicas nas regiões do Semiárido nordestino. “Garantir a felicidade da terra consiste em cuidar do commons, quer dizer, dos bens e serviços comuns que ela gratuitamente oferece a todos os seres vivos, com a água, nutrientes, ar, sementes, fibras, climas etc.” (BOFF, 2016, p. 58). Para entender o Bem Viver, é preciso dar valor a cosmovisão dos povos tradicionais com ações conjuntas de práticas que levem em consideração um código de conduta ético e espiritual, em relação ao meio ambiente e os valores humanos e universais.

CONSIDERAÇÕES MOMENTÂNEAS

Pisa ligeiro, pisa ligeiro quem não pode com a formiga não assanha o formigueiro!

A luta é todo dia toda hora, pra todos meus parentes e mulheres de luta e garra, desejo bom ânimo, estamos atravessando dias difíceis é verdade, mas a nossa causa é justa e digna!

É pelo direito a vida!

É pela mãe Terra!

É pela verdade e justiça!!

Avançaremos! (JACI TABAJARA, 19 abr. 2016)

Neste estudo, procuramos encontrar procedimentos análogos à Suma Kawsay ou bem viver, na história e na cultura acerca dos indígenas Tabajara da Paraíba. Dos aspectos que compõem o sonho e as experiências do Bem Viver desse povo, destacamos o entusiasmo que move a juventude em valorizar e recuperar a identidade indígena. Essa identidade tem como base os valores desse povo que resistiram ao tempo e ficaram impregnados no Viver em harmonia com a natureza e o cosmos.

A seiva jovem desperta no grupo a esperança e a certeza de que, brevemente, o território será retomado e delimitado. Esse é o grande sonho dos antepassados Tabajara: ter de volta a terra tradicional.

Um dos aspectos na atualidade Tabajara é a força e a participação da juventude na organização, na vida e na espiritualidade. Trata-se de uma geração que traz consigo as vivências desses dez anos de afirmação étnica, contando com a convivência dos troncos velhos, a liderança e confiança do cacique geral que também é jovem e tem liberdade de criar, resignificar e inovar por estar num momento muito fecundo e propício. Uma juventude saudável, disposta, bonita e ativa que assume vários papéis nas configurações internas e externas dos Tabajara e são responsáveis por oxigenar a vida na família, na aldeia e na sociedade.

Podemos numa breve síntese afirmar que os jovens Tabajara têm como metas retomar seu território, melhorar a saúde, lutar por uma educação diferenciada, viver numa relação orgânica com a natureza, viabilizar a sustentabilidade e fortalecer tradição cultural da etnia.

Young indigenous Tabajara: anchors in the process of claims in the search for good living in the 21st century

ABSTRACT

The academy has demonstrated an increasing interest over the indigenous theme in the 21st century, but it goes on quite invisible and poorly released the participation/mobilization of young aborigines' role nowadays. The current reality of indigenous peoples is very confrontational: on one side, economic and marketing interests; on the other side, fight for physical, spiritual survival and for their millenarian culture. The study has as an objective to investigate the Young Tabajaras as active anchors in villages activities, in fights for policies reclaiming, in repossession processes, in the culture reelaborations and dissemination, finally in the contemporaneous ethnogenesis process in the search for Good Way of Living. The research is supported by authors as Barcellos and Farias (2015), Chamorro (2016), Boff (2016), among others. The methodology is of qualitative character using semistructured interviews. The results reveal the Tabajara youth power with actions to support the contemporaneous demands, but with deep visions in ancestral indigenous being and living preservation.

KEYWORDS: Tabajara Young Peoples. Indigenous Movement. Good Living.

REFERÊNCIAS

ARRUTI, José Maurício Andion. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, p. 57-94. 1995.

BARCELLOS, Lusival. **Práticas educativo-religiosas dos Potiguara da Paraíba**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2012.
_____; FARIAS, Eliane Silva *et al.* **Diversidade PARAÍBA**: indígenas, religiões afro-brasileiras, quilombolas, ciganos. João Pessoa: Grafset, 2014.
_____; _____. **Memória Tabajara**: Manifestação de Fé e Identidade Étnica. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015.
_____; _____. **Paraíba Tabajara**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015.

BARROS, Marcelo. **O Espírito vem pelas águas**. Goiás: Rede; São Paulo: Loyola, 2004.

BETTO, Frei. **Quanto custa ser feliz**. In: _____. BOFF, Leonardo; CORTELLA, Mario Sergio. **Felicidade foi-se embora?** Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

BOFF, Leonardo. **Espiritualidade**: um caminho de transformação. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.
_____. **Felicidade**: não correr atrás de borboletas, mas cuidar do jardim para atraí-las. In: BETTO, Frei; BOFF, Leonardo; CORTELLA, Mario Sergio. **Felicidade foi-se embora?** Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.
_____. **Saber cuidar**: ética do humano: compaixão pela terra. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

CHAMORRO, Graciela. **O Bem Viver nos Povos Indígenas**. Disponível em: <<http://cebivirtual.com.br/ava/arquivos/FT1-M1.pdf>>. Acesso em: 22/04/2016.

CORTELLA, Mario Sérgio. **Felicidade**: uma presença eventual, um desejo permanente. In: BETTO, Frei; BOFF, Leonardo; CORTELLA, Mario Sergio. **Felicidade foi-se embora?** Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.
_____. **Pensar bem nos faz bem!** : 4 vivência familiar, vivência profissional, vivência intelectual, vivência moral. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

GARLET, Ivori José. **Mobilidade Mbyá: história e significação**. 1977. 200 f. Dissertação (Mestrado em História Ibero Americana) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1977.

GRÜNEWALD, Rodrigo de Azeredo. **TORÉ: regime encantado do índio do nordeste**. Recife: Fundaj; Editora Massangana, 2005.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice Editora, 1990.

KREZMANN, Carolina Giordani. **Multiculturalismo e diversidade cultural: comunidades tradicionais e a proteção do patrimônio comum da humanidade**. 2007. 150 p. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Direito, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2007.

LANGON, Mauricio. Diversidade Cultural e Pobreza. *In*: SIDEKUM, Antônio. (Org.). **Alteridade e Multiculturalismo**. Ijuí: Ed. Unijuí, p. 73-88, 2003.

MALINOWSKI, Bronislau. A teoria funcional. *In*: _____. Uma teoria científica da cultura. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

MURA, Fábio (Coord.). **Relatório de Fundamentação Antropológica para caracterizar a ocupação territorial dos Tabajara no Litoral Sul da Paraíba**. Instrução Técnica Executiva n. 34/DAF/2009. João Pessoa, ago. 2010.

NASCIMENTO, José Mateus (Org.). **Etnoeducação Potiguara: pedagogia da existência e das tradições**. João Pessoa: Ideia, 2012.

OLIVEIRA, João Pacheco (Org.). **A viagem de volta: etnicidade, política e reelaboração cultural no Nordeste indígena**. 2. ed. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria; Laced, 2004.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Revista Estudos Históricos**. n. 5 (10). Rio de Janeiro: CDDOC; FGV, 1989.

RAUBER, Isabel. **El Buen Vivir: una concepción integral del desarrollo, la democracia, los derechos**. Disponível em: <
<http://isabelrauber.blogspot.com.br/2015/05/el-buen-vivir-una-concepcion-integral.html>>. Acesso em: 17/04/2016.

UNESCO. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. **Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural**. 31ª Sessão da Conferência Geral. Paris, 2001.

VALE, Cláudia Netto do; RANGEL, Lucia Helena. Jovem indígenas na metrópole. **Revista Ponto-e-Vírgula**, São Paulo, n. 4, p. 254-260, 2008.

VILHENA, Maria Angela. **Ritos: expressões e propriedades**. São Paulo: Paulinas, 2005.

Recebido: 21 nov. 2016.

Aprovado: 25 abr. 2017.

DOI: 10.3895/rts.v13n29.5042

Como citar: FARIAS, E. S. de; BARCELLOS, L. A. Jovens indígenas Tabajara: âncoras no processo de reivindicações na busca do bem viver no século XXI. **R. Technol. Soc.** v. 13, n. 29, p. 116-130, set./dez. 2017. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rts/article/view/5042>>. Acesso em: XXX.

Correspondência:

Eliane Silva de Farias.

Rua: Vereador Gumerindo Barbosa Dunda, 308. Apto. 1901, Aeroclube, João Pessoa/ PB.

Direito autorial: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

